RE(A)FUNDAR A NAÇÃO: ESCRITAS TLGBQ+ EM PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Jonas Mateus Ferreira Araújo¹

Natália Cabanillas²

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo mapear escritores/as africanos TLGBQ+ que vivem em países de adoção oficial da Língua Portuguesa; através dessa busca visou-se refletir sobre como a concepção moderna de Nação pode ser tensionada por esses escritos e suas presenças contestadoras dos projetos coloniais-cristãos. A pesquisa se desenvolveu metodologicamente através do uso das redes sociais, onde busquei por meio de hashtags, páginas de coletivos, instituições estatais, e eventos literários, os escritos desses/as autores, almejando estabelecer contato pela plataforma com os devidos artistas. Ademais, também parto da concepção de Conceição Evaristo sobre as escrevivências para analisar as produções e direcionar o meu texto. Dentre os resultados obtidos, foi possível concluir uma significativa presença virtual de escritores/as TLGBQ+ em países como Angola e Moçambique, em especial nesse último, propiciando um bom cenário de referência e tensionamento da Nação como um lugar histórico traçado por e para os homens, heterossexuais, cisgêneros e quase sempre brancos.

Palavras-chave: Literaturas africanas TLGBQ+; Escrevivências africanas TLGBQ+; Nação.

RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivo mapear escritores africanos TLGBQ+ que viven en países de adopción oficial de la Lengua Portuguesa, a través de esta búsqueda tuvo como objetivo reflexionar sobre cómo la concepción moderna de Nación puede ser tensionada por estos escritos y sus presencias de contestación de los proyectos coloniales-cristianos. La investigación se desarrolló metodológicamente mediante el uso de las redes sociales, para encontrar a través de hashtags, páginas de colectivos, instituciones estatales y eventos literarios, los escritos de autores/as TLGBQ+, con el objetivo de establecer contacto a través de la plataforma con los artistas correspondientes. Además, también partí del concepto de *escrevivencia*, acuñado por Conceição Evaristo para analizar las producciones y conducir mi texto. Entre los resultados obtenidos, se pudo concluir una presencia virtual significativa de escritores TLGBQ+ en países como Angola y Mozambique, especialmente en este último, brindando un buen escenario de referencia y tensionando a la Nación como lugar histórico trazado por y para hombres heterossexuales, cisgêneros y casi siempre blancos.

Palavras clave: Literaturas africanas TLGBQ+; Escrevivências africanas TLGBQ+; Nación.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Bacharel em Serviço Social pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE), Mestre em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

² Doutora em Sociologia pela Universidade Nacional de Brasília, Professora Adjunta da UNILAB.

INTRODUÇÃO

“Eu vi o lenço voar, e queria ser livre também”³, os versos de Eliana N’Zualo são síntese do que se adianta nesse artigo, uma investigação que teve como objetivo mapear escritores/as africanos TLGBQ+⁴ que vivem em países de adoção oficial da Língua Portuguesa, através dessa busca visou-se refletir sobre como a concepção moderna de Nação pode ser tensionada por esses escritos e suas presenças contestadoras dos projetos coloniais-cristãos.

No que tange os caminhos teórico-metodológicos traçados, a pesquisa adotou como marco a análise a partir de teorias de(s)coloniais. O contato com os/as escritores/as e suas respectivas produções se deu através de um mapeamento realizado pelas redes sociais Instagram, Facebook, bem como por outros sites como Youtube, revistas virtuais e blogs, forma de acesso que já mostra os processos de invisibilização dessas/es artistas dentro do mercado editorial e dos espaços acadêmicos.

Desse modo, os caminhos traçados valeram-se das plataformas do Facebook, Youtube, Instagram e alguns blogs dos/as escritores/as. Ainda tendo em conta o processo de invisibilização dessas literaturas, a busca no Google por expressões como “literatura/escritores/as LGBT Angola, Moçambique” ou outro país em questão não surtia muito efeito, então a estratégia mais eficaz foi usar a ferramenta da *hashtag* no Instagram, coloquei nesse espaço os termos “LGBTMoçambique” ou outro país.

Localizei perfis de ativistas, coletivos, ONGs e perguntei sobre conhecerem escritores LGBTQ+, muitos não conheciam, algumas páginas estavam desativadas ou há muito sem movimentação, felizmente outras indicaram alguns nomes e através dessas pessoas e do diálogo com elas pude ir conhecendo outras referências. Infelizmente as únicas referências encontradas foram em Moçambique e em Angola, sendo a grande maioria do primeiro país.

O que merece uma menção, tendo em conta a recente descriminalização da homossexualidade em Moçambique. Também sendo necessário pontuar que outros elementos que interferiram na pesquisa de campo são os seguintes fatos: o acesso à internet nos países

³ Rascunhos de Liberdade II: Eliana N’Zualo e Karen Ponto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HfLysS9r1G8&t=69s&ab_channel=16NetO. Acesso: 31/10/2021. Sobre o verso em questão, trago nesse primeiro momento uma interpretação livre e deslocada do contexto geral do restante do texto, pensado a reflexão possível que a liberdade pode ter ao inspirar e levar outras pessoas a quererem voar também.

⁴ O uso do T no início da sigla tem sido adotado por alguns coletivos, o primeiro contato que tive com essa movimentação se deu na Bolívia e desde então tenho notado outras ativistas e coletivas tensionando a necessidade de reconhecermos o protagonismo e importância da população trans e travesti nesse contexto de resistências.

africanos que também falam português é bastante limitado, de modo que muitas experiências podem não estar ou não terem sido localizadas por usarem termos locais para se autodenominar e não passem pelo filtro de busca de LGBTQ+, como aqui no Brasil usamos bixas, viados, sapatão, trava e outros termos que foram em parte ressignificados dos seus contextos violentos.

Assim, neste artigo apresentarei duas referências desses países, alguns escritos do angolano Igor Fortes Gabriel, e de Eliana N'Zualo e Karen Ponto, moçambicanas, servirão de inspiração analítica para as reflexões aqui traçadas.

Vale pontuar também que as obras desses/as artistas analisadas foram: A Inauguração, do Igor Fortes, peça teatral a qual tive acesso por entrar em contato com o autor e ele me disponibilizar o texto na íntegra que ainda se encontra em processo editorial de publicação, e Rascunhos da Liberdade II, de Eliana N'Zualo e Karen Ponto, cujo link para acesso está na nota de rodapé 3 e é um vídeo contendo distintas performances sobre temáticas que transpassam o tema da liberdade de diferentes formas.

Outrossim, quando se pensa sobre o porquê da necessidade e relevância dessa pesquisa, tendo em conta todas as questões coloniais que assolam o sul global, vemos na própria Especialização que motiva a escrita desse artigo a carência de referências TLGBQ+, pois por mais que existam discussões sobre as questões de gênero e sexualidade, desde uma perspectiva de(s)colonial e em disciplinas obrigatórias, faz-se necessário que o debate seja transversal, interdisciplinar e perene, de modo que essa pesquisa é também um tensionamento dentro do espaço que ocupo como discente da UNILAB.

Ademais, outras dimensões que delineiam as questões aqui debatidas passam pela problematização do conceito de nação, desde sua perspectiva colonial, e como os escritos tensionam esse lugar de distintas formas, principalmente quando se entende a relação promíscua entre pátria e nação e que

a pátria é, sobretudo, *memória*, instância que enlaça, retrospectivamente, os vivos e os mortos, numa cadeia de solidariedade através da qual os indivíduos se reconhecem como *com-patriotas* de uma mesma *Vaterland*, característica que foi durante séculos repetida. (CATROGA, 2008, p. 10).

E essa memória é construída e reiterada de diversas formas, como por exemplo, através da invisibilização de escritores fora da cisheteronormatividade e principalmente dos que não se limitam a usar a literatura como elemento estanque e dão vasão para ela através de outras

linguagens. Dessa forma, é importante refletirmos que a literatura, como uma forma de arte, é uma invenção colonial diante dos nossos fazeres diversos, pois, como veremos adiante, em culturas tradicionais africanas a disciplinaridade ocidental não se aplica, o que se notará em algumas obras que aparecerão aqui por borrar essas fronteiras disciplinares e/ou inscrever outras memórias dentro de seus territórios.

Outrossim, é importante afirmar que ainda hoje existe muita resistência por parte de grupos elitistas para que as artes, e em especial a literatura, sejam capazes de dialogar com expressões da vida humana das populações historicamente subalternizadas. Porque, como bem nos indaga Spivak (2010), as pessoas historicamente subalternizadas podem falar? Sim, também responde ela, e reitero eu, aqui estou falando. E ao mesmo passo que questiona isso, ela também nos lança a reflexão de que não basta poder falar, é preciso poder ser escutado/as. Não devemos cair nos discursos meritocráticos de que com a internet todas as pessoas podem falar, para além disso é preciso que essas vozes possuam lugar de escuta (MOMBAÇA, 2021), espaços de propagação das vozes-subalternizadas para disputar hegemonias.

Pois bem, se pensarmos a subalternização que a colonialidade (QUIJANO, 2005) impôs diante da racialização negativa⁵ para com os povos africanos e as intersecções que essa racialização faz com as demais estruturas sociais do cisheteropatriarcado e do capitalismo, podemos perceber como a população TLGBQ+ se encontra diante de muitos problemas instaurados pela colonização e que ainda perduram (SOKARI, 2016). Vivendo ela o encontro dessas opressões, poderia essa população escrever? Poderia ela falar abertamente sobre suas questões? As mentes ocidentais imaginariam suas (in)existências feitas de silêncio e dor, considerando que a homossexualidade e outras dissidências da cisheterossexualidade imposta ainda são perseguidas e criminalizadas em muitos países. Mas não se trata apenas disso, é preciso superar o fetiche da dor e da invisibilidade diante dos nossos corpos⁶, nem que para isso seja preciso re(a)fundar a nação.

Dada essa questão da colonialidade, optei pelo uso da escrevivência (EVARISTO, 2020) como forma de construir o texto e olhar para as referências que dialogo, por ser um termo

⁵ Trago aqui a discussão sobre racialização negativa pois movimentos sociais como os negros e indígenas já têm questionado sobre como a braquitude também precisa se racializar e entender os privilégios que isso significa, e com isso romper com a ideia de que apenas o Outro é racializado, genericado (mulheres, LGBTQ+, etc).

⁶ Apareço dentro do texto de forma mais explícita por também pertencer à comunidade LGBTQ+, me identificar como bixa e também fazer parte da história de racialização negativa vivida pelo Sul Global.

que ajuda a tensionar o lugar da universidade, sua branquitude e a forma como as pesquisas acadêmicas costumam acontecer, sempre se pesquisa sobre o outro ou a outra, e principalmente quando falamos sobre pesquisas envolvendo a população TLGBQ+, ainda é muito recente o nosso protagonismo nas escritas sobre nós, mais ainda quando levamos em conta as pessoas que vivem sob a sombra do racismo.

Ainda nesses termos, é necessário dizer que os sujeitos investigados e seus textos analisados não aparecem aqui como “objetos de estudos”, e sim como constituintes da argumentação, onde não há divisão de níveis entre as teorias acadêmicas e os escritos literários, uma vez que, também através da literatura teorizamos sobre as realidades habitadas. Assim, corroborando com o que Curiel (2011) nos brinda quando diz sobre a necessidade de pensar uma pesquisa que estabeleça relações onde todas as pessoas envolvidas sejam entendidas e tratadas como sujeitos de conhecimento.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Pensar aqui como o conceito de Nação pode ser tensionado pelas existências TLGBQ+ prescinde primeiramente de entender de onde partimos com esse entendimento de nação. Correndo grandes riscos de estabelecer paralelismos, faz-se necessário mencionar as experiências que temos aqui em Abya Yala onde dois Estados, já após as independências, ou seja, no que poderíamos entender como suas faces neocoloniais, conseguiram através de muita pressão popular dos povos originários se reconhecerem como Estados Plurinacionais. Tais Estados consideram, pelo menos a nível legal, que dentro daquele território existem muitas nações, cada povo com suas leis, línguas, tradições, etc., e possuem reconhecimento e marcos legais para legitimar suas existências.

Mesmo assim, em países como esses, que no caso são Bolívia e Equador, reconhecer as existências das plurinações dentro do território unificado não impede que as práticas preconceituosas continuem existindo, porque a *colonialidade* (QUIJANO, 2005) e suas múltiplas faces fizeram muito bem o seu dever de casa e continuam atuando e adentrando-o em nossos territórios, mesmo quando há uma marcha pela descolonização, os avanços históricos não impedem nem anulam a disputa pelas hegemonias. Trazer essa ponderação é importante para não cairmos em fatalismo ou romantizações, entender a realidade e suas contradições é

perceber, inclusive, que os processos de resistências sempre estiveram em curso, mesmo sob leis rígidas.

Sabemos que ainda existem países no território africano que criminalizam a existência da população TLGBQ+, mesmo que ela siga reinventando suas margens, ainda é cruel pensar como as leis coloniais e sua recente história do processo de assimilação aos valores ocidentais são tão vivas que mesmo nos países que já aboliram leis criminalizantes das existências TLGBQ+ o silêncio diante dessas vidas segue violentando e apagando.

Um dos casos onde o Estado-Nação ainda orchestra leis TLGBQfóbicas é a Nigéria, e nos meus recentes estudos sobre a língua inglesa, resolvi me conectar com pessoas de lá para ter outras referências que não fossem apenas as estadunidenses, nessa situação, ao falar abertamente sobre a minha sexualidade com uma pessoa de lá, fui motivo de riso. Algo que pode parecer simples, entretanto é sintomático.

Ainda assim, trazer esse exemplo não significa generalizar o país a isso, na temporada de 2021 da série britânica *Sex Education* o personagem Eric, que é gay, viaja para Nigéria para visitar seus avós, através desse episódio é possível perceber como as existências TLGBQ+ pulsam nas margens para tensionar esse lugar colonial no qual suas vidas são resumidas nas leis atuais e perseguições políticas.

Elenquei esse único país como exemplo dessa violência colonial porque a mídia tradicional já faz essa exposição com muita frequência, normalmente não com objetivo de problematizar as raízes coloniais desse problema, mas sim reforçar estereótipos racistas sobre o continente africano.

E são muitas as frentes de atuação da colonialidade (QUIJANO, 2005), uma significativa parte atua pelas vias conservadoras das religiões, porém, e em parceria com isso, o discurso do tradicionalismo é distorcido e usado como forma de legitimar essas opressões, pois, segundo Sokari Ekine (2016, p. 10)

A retórica segundo a qual a homossexualidade seria não africana baseia-se na noção essencialista de uma *Africanidade autêntica*, centrada na crença de que há algo intrínseco à África, chamado “Cultura Africana e Tradições Africanas”. Trata-se, porém, de algo mais do que uma simples definição do autêntico [...]

Essa distorção se dá, dentre tantas questões, pelo simples fato das existências TLGBQ+ fazerem parte da secular história do continente africano, David⁷ cita os estudos do antropólogo Kurt Falk feitos em 1920 e que registraram a existência da homossexualidade em algumas nações em Angola e na Namíbia, os Wawihe e Ovingangellas eram esses grupos onde a homossexualidade existia e ainda existe.

De igual maneira, Sobofú Somé (2003) também nos apresenta que o povo Dagara, localizado em alguns países da costa oeste africana, também possui existências não heteronormativas, e ademais, nos mostra como essa população de gays e lésbicas cumpre um papel fundamental dentro das comunidades ao mediar as relações entre importantes portais para o amadurecimento espiritual da população, chegando, nesses casos, a ocuparem posições mais importantes que os próprios anciões.

Entretanto, o que a história oficial conta, e aí estão inclusas as leis que compõem o que se entende como o Estado-nação, é uma *história única* (ADICHIE, 2019) que apresenta às novas gerações recortes do desejável, que nesse caso são essas noções de uma África essencializada onde não existiam pessoas TLGBQ+ ou aproximações do que hoje entendemos dessa categoria⁸. Curiel (2011, p. 27) traz grandes contribuições sobre como o Estado e suas legislações contribuem para a continuidade e fortalecimento das narrativas hegemônicas, levando-nos a entender o importante papel que as Constituições possuem em seus territórios, uma vez que

[...] los discursos que encontramos en ese texto son expresión de la ideología hegemónica en la sociedad [...], expresa un poder jurídico, teórico y político significativo, dado que contiene, avala y legitima un discurso que fue producto de la negociación y alianza de quienes tuvieron el poder de decidir, escribir y ordenar sus prescripciones, es decir, los y algunas constituyentes; y segundo, porque en él se sintetizan dos cosas que considero importantes: la ley y la escritura como medios y tecnologías de establecimiento del poder y la hegemonía.

Sabemos que a nação, ou as múltiplas nações que coexistem dentro dos territórios demarcados pelo Estado colonial, não se resumem ao que a lei ordena, e também muitos países já têm conseguido revisar suas legislações e retirar dos seus textos a criminalização das nossas

⁷ David Canga. Conexão Angola: “A homossexualidade não faz parte da cultura africana”. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-6-recomecos/conexao-angola-a-homossexualidade-nao-faz-parte-da-cultura-africana/>. Acesso: 18/07/2021.

⁸ Faz-se necessário reiterar a dimensão colonial que o movimento LGBTQ+ pode exercer diante das existências de autodenominações da população africana.

existências. No entanto, os séculos de colonização e as marcas coloniais ainda permanecem mesmo nos países que avançaram em suas legislações, daí a necessidade das múltiplas intervenções no cotidiano para que as ontoepistemologias (MOMBAÇA, 2021) possam ser oxigenadas, e a literatura é um desses acontecimentos que planta e faz colher descolonizações.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É desafiador falar de arte produzida no contexto africano porque grande parte, senão todas, as categorias aqui usadas são marcadas pela colonialidade (QUIJANO, 2005), inclusive a própria dimensão de arte e a definição do que seria ser TLGBQ+ precisam ser problematizadas ao serem usadas como chaves de leitura de contextos outros que não os ocidentais.

Assim, é um desafio escrever desde cá, tentando não cair nas armadilhas coloniais de categorizar, disciplinar e racionalizar tudo que se apresenta nos escritos e ademais. Conforme já pontuado anteriormente, a própria dimensão da arte como algo disciplinar é constantemente tensionada nos espaços tradicionais de produção de vida no continente africano, mesmo existindo a necessidade e o interesse de muitos grupos em disputar outras hegemonias como o espaço da literatura, das danças, das artes visuais, etc.

Retomo esse ponto por perceber como nossa primeira análise de uma das obras aqui dialogadas é um complexo de linguagens, passando pela performance, pela música e também nas artes visuais, carregando a palavra poética como fio condutor, mas não sendo necessariamente o elemento principal.

Num mesmo sentido, é válido pontuar que os elementos de pertencimentos raciais e no que tange a sexualidade das autorias não aparecem aqui como essencialismos, sobre o que são ou o que deveriam falar, muito embora por conta das condições impostas pela colonização ainda seja muito necessário ter em conta essas dimensões das existências, porque é também através delas que muitas barreiras são construídas e até que elas não existam mais ainda se faz necessário evocar lugares de tensionamento para reivindicar humanidades negadas, bem como nos faz refletir Mombaça (2021):

Se meu acesso ao mundo da arte está sempre já condicionado à retórica das alianças brancas, em cuja matriz de valor minha posição de “bicha preta” está codificada como sendo portadora de um certo potencial ontoepistemológico e político, é justamente na medida em que eu reencarno a marca racial e seus defeitos alienantes que meu trabalho se torna viável. Isso tem como efeito mais evidente a reinscrição de toda minha produção simbólica, conceitual e política no marco de tradição de um trabalho negro cuja relação com o valor é sempre tensionada por dinâmicas de extração, objetificação e consumo do outro; e implica também que a condição de acesso a esses espaços seja

meu consentimento a operar quase exclusivamente como emblema da minha própria posição, e não como pessoa. (MOMBAÇA, 2021, p. 42).

E analisar as obras aqui apresentadas sem necessariamente limitá-las apenas ao lugar da arte TLGBQ+ ou arte negra é tensionar os lugares postos pela colonialidade para reivindicar humanidades coletivas. Para isso, talvez existam mais desafios e portais que caminhos já traçados, como nos apresenta a artista e socióloga Tiago Manguê Bixa “Burlar a linguagem e romper as posses? Como fazer? Como enforçar a colonialidade com o próprio verbo que ela constrói, legitima e dissemina?” (MANGUE BIXA, 2021, s/p.).

Primeira obra: Rascunhos da liberdade II: Eliana N’Zualo e Karen Ponto

A obra intitulada nesse tópico é uma performance composta por três textos contados, cantados, declamados, performados e vividos de distintas formas, o vídeo que dá acesso ao texto já foi apresentado na introdução e é recomendável que a depender do ritmo da leitura ele seja visto novamente nesse momento. Vale reiterar que autoras da obra são moçambicanas e falam desde um lugar que poderia caber no que aqui chamamos de comunidade TLGBQ+.

O verso que introduz esse artigo “Eu vi o lenço voar, e queria ser livre também” traz uma visão introdutória do que ele anuncia mais adiante, que foi a minha primeira leitura ao encontrá-lo, - conforme nota de rodapé que o segue na introdução, e se lido isoladamente pode levar a muitos caminhos interpretativos. Inclusive, alguns distintos do que aparece na obra das autoras Eliana N’Zualo e Karen Ponto e é precisamente o verso que introduz essa obra acompanhado de um canto profundo fugidivo de possíveis verbalizações que nos leva às ilusões também vividas pelas vozes que cantam.

Essas associações não são por acaso, a liberdade apresentada como algo visto, leve, bailável faz parte do que a colonização nos apresenta por nos lançar diante dos acontecimentos de forma limitada, ver com os olhos não basta, pois, como apresenta Akotirene (2019), a percepção do mundo que compreende apenas um dos sentidos é a ocidental, para correntes teóricas afroreferenciadas é necessário ver como todas as dimensões possíveis.

Assim, quando as autoras nos apresentam o verso “eu vi o lenço voar e queria ser livre também”, há uma demarcação dessa limitação, uma vez que o que sucede é a contradição dessa liberdade, o que não pode ser visto porque se viu apenas com olhos, e aparentemente marcados pela ocidentalidade, pelo amor romântico e todas as problemáticas que ele carrega, dado que, em versos posteriores é revelado “mas um dia percebi que aquele amor imenso me apertava”, o lenço é o amor romântico, que no início é leve, movimenta, convida à dança, e em seguida se

mostra, conforme argumenta Sobonfu Somé (2018, p. 106) “O romance ignora todos os estágios de uma união espiritual, em que começamos embaixo da montanha e, gradualmente, caminhamos juntos até o topo; não deixa espaço para a verdadeira identidade das pessoas aparecer; estimula o anonimato e força as pessoas a se mascararem.”.

Esse primeiro poema que aparece na obra evidencia uma crítica ao tipo de relação onde o visto, normalmente ensinado pelos séculos de colonização, é o mais importante, e esses padrões românticos idealizados costumam ser representados através de padrões comportamentais que fazem as relações começarem do topo da montanha e depois terem como caminho os deslizamentos.

Outro verso que intensifica essa reflexão sobre o padrão violento de relacionamento imposto pela colonização é “sem o lenço não me reconhecia, com o lenço não sobrevivia.”, nessa escrita temos uma nítida representação do apagamento de uma vida, o que pode ser explicado pela noção de como essa pessoa perdeu-se do seu verdadeiro eu em busca de manter um modelo de amor inalcançável (SOMÉ, 2018).

São potentes essas vozes que em territórios em constante processo de descolonização tensionam o lugar do amor, e não por acaso parte de pessoas que o ocidente convencionou chamar de TLGBQ+, um grupo que pouco e torto costuma experienciar esse *sentimento-ação* (hooks, 2013), nos mais diversos espaços da sociedade, de modo que é possível criar desde esse espaço da lacuna, do vazio, mundos outros dentro das ações cotidianas.

O segundo texto que compõe a obra é denominado “36 tiros” e trata de forma direta sobre o conflito armado/guerra civil que aconteceu em Moçambique no século XIX e aparece no texto desde suas reverberações na contemporaneidade, como a instabilidade política atual ainda compõe a conjuntura que não foi capaz de eliminar por completo esse conflito. No texto, as artistas representam os tiros através da metáfora “foram 36 beijos do anjo da morte”, e repetem esse verso de forma contundente e necessária ao intercalar com outros retratos literários que descrevem a destruição deixada por conta dessa guerra sem fim.

É comum nesse poema o uso de antíteses para evidenciar os contrastes e sofrimentos vividos pelo povo moçambicano, e de modo mais direto, seus familiares, uma vez que ela parte de escrevivências (EVARISTO, 2020) para problematizar em seus versos a história colonial e suas terríveis heranças, alguns desses versos são “Nas campos do meu pai não havia flores, só sangue.” e também “O meu corpo nu espera a cantar, a sorrir, a fazer amor / foram 36 beijos do anjo da morte.”.

Do silêncio que se impõe, às existências taxadas como dissidentes, a resposta que Karen Ponto e Eliana N’Zualo apresentam é uma voz que toca nas feridas profundas herdadas do

colonialismo, mostra que a nação construída sob os moldes ocidentais já surge fadada ao fracasso porque tem problemas que seguem sem resolução, uma vez que é possível que esses problemas, como o conflito armado pelo poder e território, estão nas raízes de um sistema capitalista que precisa centralizar as decisões e considera o lucro mais importante que a vida.

É importante pontuar que todos os textos apresentados no vídeo contam a exploração de múltiplas linguagens para construir a poesia, que não se faz só com palavras, o primeiro tem músicas, dança, elementos da figurinagem e uma impactante fotografia para fortalecer os sentidos do Lenço, em termos ocidentais seria possível categorizar como uma performance. O segundo, 36 tiros, apresenta um fundo projetado com letras dos textos, enquanto elas tocam e declamam o poema, de modo que parte da projeção que versa sempre sobre a quantidade de tiros, é feita sobre seus corpos, o que já infere muito.

O texto que segue apresenta o mesmo tom de denúncia contra as violências sofridas pela população moçambicana, se os primeiros poderiam se vincular de forma mais direta aos abusos direcionados às mulheres, nesse há um olhar mais amplo para toda a sociedade explorada, ele é nomeado como Declaração de Paz (Vampiros), e também conta com a projeção de vídeo feita sob seus corpos, nesse casos temos imagens muito fortes que se mesclam com suas presenças no espaço, são cenas de pessoas procurando suas famílias nas ruas, tanques de guerra e situações de militares armados.

Essa terceira parte é iniciada com um questionamento, uma voz pergunta em tom choroso, “Penso [...] estou na sombra aqui, e minha família onde está?”, mais adiante os versos que introduzem o poema são “tu não vês, não querem saber de ti, não querem saber mim, vampiros, os vampiros.”. Esse poema introduz com uma pergunta capaz de ruir uma nação, pois a modernidade instituiu a família monogâmica e heterossexual como um dos seus pilares, entretanto, como são famílias de pessoas negras, essas vidas não ganham a mesma importância, é preciso criar versos e lançá-los ao mundo num intento de sensibilizar a nação unitária para que saibam.

É válido pontuar que mesmo com Acordo Geral de Paz (AGP) o país não teve a efetiva paz, uma vez que “Mesmo depois do fim da guerra em 1992, e já com o AGP em vigor, continuaram a ter lugar casos esporádicos de violência política (motins derivados do aumento dos preços dos alimentos, assassinatos políticos).” (DARCH, 2018, p. 7).

Em acréscimo à citação acima, é possível afirmar que toda violência é política, dado que existem sempre escolhas que motivam e impulsionam tal acontecimento, somando-se a essa violência já citada, temos também a problemática dos conflitos políticos entre o partido político que está no poder e a oposição.

Outra matriz de violência nesse território tem sido motivada pelas recentes descobertas que pedras preciosas e outros elementos da natureza transformados em “recursos naturais”, tal questão motiva grandes empresas a expulsarem massivamente comunidades de seus territórios para explorarem economicamente o lugar, pessoas são torturadas e os casos de violências contra as mulheres têm aumentado significativamente, questão que se agrava pelo fato do atual governo limitar toda essa problemática a conflitos religiosos (MORENO, 2021).

Ao saber um pouco sobre a conjuntura do país, ver e ouvir a obra de Eliana N’Zualo e Karen Ponto ganha novos contornos para entendermos quando elas apresentam reflexões sobre a crença dessa nação que pretende resolver um problema em constante naturalização e que tem as armas como solução estatal, não para serem empunhadas por qualquer pessoa, assim como elas questionam de forma profunda “Pergunta se nessa guerra estão os filhos do presidente / os filhos dos generais / os filhos dum dirigente” e complementam “Quem morre nesta guerra são os filhos dos sem parede / os filhos dos sem patente [...] filhos dos antigos combatentes não são vistos nos combates.”

Uma vez mais são versos questionadores com o potencial de tocar em questões estruturais de sociedades vítimas da colonialidade, sendo possível, ainda, estabelecer uma análise entre esses versos e o texto *A mão dos Pretos*, do autor moçambicano Luiz Bernardo Honwana, pois, dentre tantas reflexões, são as mãos dos pretos que continuam a receber ordem da branquitude para dar continuidade ao extermínio das vidas e suas ontoepistememes (MOMBAÇA, 2021) nas tradições africanas, logo que, longe de seus territórios, tendo suas comunidades destruídas, suas matriarcas assassinadas e/ou violentadas, como seguir em convivência com os vampiros? “Mais de 16 anos e nosso sangue vai abrir rios”, essa é uma das possíveis respostas que interpreto e retiro da própria obra.

O poema que fecha a obra, *Milhões de abraços*, é apresentado sem nenhuma projeção, ou fundo, elas são iluminadas com uma luz azul e depois por uma luz branca e cantam, algumas partes não são de fácil compreensão, acredito que mais pela diferenças entre o Português Brasileiro e o Moçambicano, conquanto, em linhas gerais esse fechamento já ensejado pelo título busca sensibilizar os/as interlocutores/as sobre a possibilidade de caminhos, e esses, só são possíveis de forma coletiva, que as saídas para as problemáticas desenvolvidas nos poemas anteriores precisam acontecer a partir de “milhões de abraços”, até mesmo de “há braços”, numa interpretação livre, e como elas apresentam no verso “querido filho, a colheita é afetiva, a vitória é coletiva”. Verso que nos lembra a noção comunidade e de amor-ação apresentada por bell hooks, não há como colher coisas diferentes das ações plantadas, e as ações

violentas do estado-nação estão comprovando isso, de modo que ainda é preciso alçar a voz para saber dizer de outras formas.

Segunda obra: A inauguração – Igor Fortes Gabriel

É preciso, antes de tudo, falar sobre as semelhanças entre o texto que será analisado adiante e a obra apresentada acima, pois, por mais que eles tenham sido escritos em países diferentes do continente africano, é possível estabelecer importantes ligações entre ambos.

O primeiro ponto que une as duas obras é que ambas já nasceram e se apresentam ao mundo rompendo o lugar da literatura por ela mesma, no primeiro temos uma vídeo-performance que joga várias linguagens para propor sentidos múltiplos, o segundo, a peça de Igor Fortes, nasce para ser corpo, palco, música, imagem e tudo mais que a beleza do teatro permitir emaranhar para criar.

O segundo ponto em comum entre os textos, e aqui já trago uma das temáticas principais da peça A inauguração, é saúde mental das personagens envolvidas nas narrativas. Na obra Rascunhos de Liberdade II temos versos que mostram com perplexidade como os “36 beijos do anjo da morte” foram capazes de destruir qualquer desejo de viver, transformado esse sentir numa “agonia de viver”, e também no direcionamento das energias dessa vida para o pedido da morte quando nos fala que pede para que a vida a abandone porque suas mãos estão vazias. Porque pessoas TLGBQ+ lançam um olhar tão atento para esse aspecto da vida?

Sabemos da carga mental que é conviver com a constante violências em todos os espaços de sociabilidade apenas por sermos quem somos, então, em alguma medida, se torna mais viável olhar para esse ponto com muita atenção, pois como bell hooks (2013) nos propõe, antes de ir para a luta temos que pensar no nosso autocuidado, em como as opressões nos afetam em todas as dimensões da nossa existência. De modo que, por mais que os textos lancem olhares para outras pessoas, que não apenas as TLGBQ+, parte dessa ontoepisteme (MOMBAÇA, 2021) o olhar sobre a problemática.

Ao pensarmos de forma mais aprofundada sobre as raízes desse sofrimento mental é difícil ir para outro caminho que não o do entendimento da colonialidade (QUIJANO, 2005), porque, ao compreendermos toda a exploração material e subjetiva ainda em curso no continente africano é fulcral relacionar essas dimensões com o sofrimento do povo, condição já narrada no magistral poema de Agostinho Neto “Sábado nos Musseques”, no qual ele nos apresenta os versos “Ansiedade / nos que riem e nos que choram / nos que entendem / e nos que respiram sem compreender.”

As pessoas que estão conscientes das violências perpetradas pela colonialidade (QUIJANO, 2005) sabem da profundidade do problema e o quão difícil é, mas não impossível, sair desse lugar, por isso sofrem, já as que não entendem ao todo o que se passa, igualmente sabem da falta, do vazio deixado pelos séculos de exploração perene que abriu abismos incapazes de serem fechados pelas formas e fôrmas ocidentais. Por isso a palavra ansiedade aparece tanto no poema, e se repete em sentimento e letra nos textos aqui analisados. Há um mundo a ser retomado ainda em vida e isso exige tanto, que a literatura anda a fazer o seu papel em passos possíveis.

Igor Fortes Gabriel é um escritor angolano e o seu texto “A Inauguração” se passa ao redor do cenário da inauguração de um restaurante, de amigos que se reúnem nesse espaço e várias problemáticas vêm à tona com esse encontro, muitos caminhos de análise poderiam surgir, mas aqui será dada mais importância à presença TLGBQ+ na peça e ao fio que une as duas obras, conforme já mencionado acima.

Para além de ser um texto de autoria TLGBQ+ temos também a presença de um dos personagens da obra que pertence a essa comunidade, o Nico, ou pelo menos o único que explicita e politiza essa questão. Sua aparição e fala se dão mais ou menos no meio da peça, e pelo texto podemos perceber que ele é um personagem que num passado recente teve problemas de vícios com jogos de aposta e perdeu muito dinheiro do filho, Andi. Tal problemática gera um conflito não resolvido, pois só depois conversam sobre a questão, ambos ressentidos, mas sempre humanizados.

Nico é um homem trans e essa dimensão da sua vida não aparece como uma barreira ou uma grande problemática, e o fato de as violências coloniais sobre esse corpo-vida implicarem nos vícios fica implícito e aqui aparece como uma reflexão minha, pois não é tematizado na obra dessa forma.

Tal aparição desse personagem, somada com a potente representatividade na escrita de Igor Fortes, assim como das autoras Eliana N’Zualo e Karen Ponto, nos aponta para a construção de novos cenários nas literaturas africanas de língua portuguesa, e nesse passo também corroboram para a escrita de novas percepções sobre suas nações e quem aí costuma falar, como nos mostra Mata (p. 30, 2012) ao apresentar elementos sobre o cenário da literatura angolana.

[...] apenas a partir dos meados da década de 80 do século XX, a narrativa – romanesca, estorística ou contística – recupera a sua função mais sublime: cerzir a história do país, através do olhar dos seus filhos, pela obliteração dos *dissensos* operada tanto às instituições libertárias quanto, depois, às do Estado instituído e a (seus) agentes cuja história (individual, grupal ou segmental) se entretete também com fios retirados do novo

agorístico – isto é, dos interesses do presente. Porém, desta feita preenchendo os *lugares vazios* que a discursividade homogeneizante do “relato da nação” fundador apresentou, com a normalidade de uma história de conflitos apenas externos, sem contradições interna.

Assim, em obras como a de Igor Fortes temos esses relatos da nação criando novas narrativas para e sobre a população TLGBQ+, apresentando lugares enunciados por essas vozes como territórios de existências, tendo em vista a ainda comum ideia de que a população TLGBQ+ não existe nesse território e é uma invenção colonial e/ou uma ameaça à família “tradicional”. Vale destacar a importância de personagens como Nico aparecerem, pois as existências transexuais por si só já questionam o sistema colonial de gênero, logo, derrubam essa ideia de que a população TLGBQ+ é algo ensinado ou fruto de meras ideologias, e esse questionamento se dá porque seus corpos além de romperem com o binarismo de gênero também desnaturalizam o sexo como algo dado, biológico (PALHA, 2020).

Tais fatos têm sua importância reiterada na medida em que apresentam tensionamentos e rompimentos na *história única* (ADICHIE, 2019) sobre as existências TLGBQ+, reescrevendo uma história para que se saiba que o colonialismo-racista-capitalista-cristão que instaurou as violências através de projetos de nação no qual “a lei nasce do sangue colonizado escorrendo no terreno extraviado” (MAGUEBIXA, 2021, s/p) está ruindo.

E como essa queda, o medo de ser quem somos vai aos poucos perdendo espaço para transbordamos em letra, voz e todas as linguagens que desejarmos, como podemos ver os ecos de liberdade na fala do personagem Nico:

[...] O pânico que nos trespassa sempre que o nosso ser é negado, que nos faz recuar por sabermos que podemos perder a vida caso avancemos [...] Depois de muitos anos finalmente aceitei-me como quem realmente sou, um homem transexual! Pude gritar a minha realidade para os 7 ventos e com isso, veio a descoberta do poder que detinha e do pânico que fazia ainda parte do meu ser, porque assim o foi durante muito tempo, mas desta vez, fui capaz de usá-lo como ferramenta de criação, não de destruição. Ao irromper deste sentimento agreste, brotamos muito mais do que alguma vez fomos, só nesse momento nascemos. Como nasceu quem eu sou hoje e nasceu o meu nome, Nico. (Igor Fortes, *A Inauguração*, p. 11).

Por último, outro elemento importante na obra *A Inauguração* é a temática da saúde mental, conforme já apresentado anteriormente. Vale pontuar que nessa obra uma das personagens, a esposa do filho de Nico, Kora, comete suicídio na noite de inauguração do restaurante e a peça termina com o desenrolar desse fato. A morte de Kora, assim como o desejo de morte narrado pelas artistas moçambicanas, pode ser interpretado como um sintoma de uma nação falida, marcada pela dualidade e contradição que é viver num território vitimado pela colonização, no qual o projeto de existir só é possível com o extermínio, físico e/ou mental, de

uma grande parte da população, para que outra ínfima parcela possa usufruir do secular poder colonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Re(a)fundar as nações certamente não é um caminho fácil, muito menos algo a ser traçado por poucas mãos, tendo em vista que esse debate aqui proposto caminha pelas vias da participação coletiva. E a literatura pode ser e tem sido um desses caminhos para tensionar espaços de poder consolidados pela colonialidade, sejam esses espaços os governos ou até mesmo a universidade.

Pois, como pudemos perceber os escritos apresentados anunciam desde o presente de suas escritas novos mundos onde as vozes insurgentes são ditas e aparecem para questionar as narrativas hegemônicas sobre o que ser TLGBQ+ e sobre o que podemos falar, borrando essencialismos diversos.

Tensionando inclusive o espaço da universidade na medida em que aparecem aqui desde o lugar da relevância histórica e como necessidade e possibilidade de leitura para se falar em literaturas africanas, para que se pense nessas autorias na hora de montar programas curriculares.

Também se faz necessário concluir que esse artigo não teve condições nem pretensões de esgotar as discussões propostas, nem analisar todas as dimensões das obras apresentadas, de modo que apenas janelas foram abertas para que o debate possa seguir em futuras pesquisas.

Ademais, também é válido reiterar como as obras se valem da palavra como arte, mas não se limitam a ela, pois borram as fronteiras da disciplinaridade, reiterando tradições africanas e ao mesmo tempo dialogando com linguagens da modernidade para perpassar espaços múltiplos.

Tal ponto nos leva a direcionamentos de que é necessário ocupar as linguagens e línguas já existentes para assim, também, hackear a colonialidade por dentro dos seus espaços de hegemonia, uma vez que agora ainda não é possível abandonar nem superar essas dimensões, ocupa-las significa quiçá corroer para que um dia ruam. Assim como há de ruir toda e qualquer nação que se pretende unitária, autoritária por assim seguir colonial, nem que para isso seja preciso recontar e contar novas histórias para cada habitante e assim, ficcionar o futuro desde o presente-palavra.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras. 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- CATROGA, Fernando. **Pátria, nação, nacionalismo**. Disponível em: < [UCDigitalis: Pátria, Nação, Nacionalismo](#) > 2008. Acesso em: 14 nov. 2021.
- CURIEL, Ochy. El régimen heterosexual y la nación: aportes del lesbianismo feminista a la antropología. **Teoría y pensamiento feminista**, 2011.
- DARCH, Colin. **Uma história de sucesso que correu mal**. O conflito moçambicano e o processo de paz numa perspectiva histórica. Maputo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2018.
- EKINE, Sokari. **Narrativas Contestadoras da África queer**. Cadernos de Gênero e Diversidade. 2016, vol. 2, no 2.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivências**. Disponível em: < [CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência - YouTube](#) > Acesso: 10 nov. 2020.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- MANGUEBIXA, Tiago. Contribuições para um debate não cidadão. Barbalha- Ce, 2021.
- MATA, Inocência. **Literatura e política em Angola, hoje: uma leitura da produção ficcional contemporânea**. Matraca-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 19, n. 31, 2012.
- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Editora Cobogó, 2021.
- MORENO, Tica. **O aumento de conflito armado agrava situação de mulheres em Moçambique**. Disponível em: < [Brasil de Fato | Brasil de Fato](#) > Acesso: 15 out. 2021.
- PALHA, Amanda; BIROLI, Flávia; VIEIRA, Henrique. **Família, Religião e Política**. Disponível em: < [\(393\) FAMÍLIA, RELIGIÃO E POLÍTICA | Amanda Palha, Flávia Biroli e Henrique Vieira - YouTube](#) > Acesso: 15 abr. 2020
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. 2005.
- SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, p. 1, 2003.
- SPIVAK, Gavatry Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG. 1ª edição. 2010.